

DOI:10.4025/5cih.pphuem.2210

## **Do Olhar Técnico Ao Olhar Intervencionista: Thomas Bigg Wither E O Espaço Paranaense (1772/1775)**

Fabiana Marreto Secariolo (UNIMEO)

### Introdução

O presente trabalho investiga através de relatos de viagens algumas possibilidades de pesquisa sobre o Paraná na segunda metade do século XIX. O relato de viagem em questão pertence ao engenheiro inglês Thomas Bigg Wither, intitulado *Novo Caminho Meridional: A Província do Paraná/ Três anos de vida em suas florestas e campos: 1872/1875*; a obra foi publicada em Londres logo após a sua chegada em 1878 e em português somente em 1974. Bigg Wither esteve no Brasil investigando os campos e florestas do país, principalmente no Estado do Paraná. Fazia parte de um grupo de expedicionários contratados para a Paraná And Mato Grosso Survey Expedition. Seu relato é usado como referência para estudos sobre o Paraná no século XIX, ressalta vários aspectos sobre a natureza, a ocupação do território, imigração e índios. Busca-se observar a maneira como o viajante apresenta determinados elementos sobre o Paraná nesse período e como ele transforma seu olhar técnico em olhar intervencionista do espaço paranaense e as possibilidades de mudanças a partir do modelo europeu.

### Metodologia

A metodologia empregada para realização desse trabalho consiste na reflexão e interpretação das fontes, análise da trajetória dos autores viajantes, procurando obter o máximo de informações, por meio de obras, jornais e revistas publicadas na época. Em segundo momento foi realizada uma leitura cuidadosa dos relatos e da historiografia do Paraná. Deve ser levada em conta a análise comparativa das obras em relação aos aspectos geográficos e vários elementos observados pelos viajantes, como paisagens, natureza, animais, vegetações, rochas e solos.

### Resultados e Conclusão

Durante o trabalho procuramos ressaltar a realidade em que o viajante estava inserido, traçando um diálogo entre os relatos de viagem e o trabalho do historiador, cada relato separado e relacionando-os. Desse conjunto apareceram as pretensões que cada viajante tinha ao realizar sua viagem, como objetivos e muitas vezes angústias pelo que eles chamavam de falta de desenvolvimento – mesmo percorrendo os sertões do interior do Brasil. Os resultados obtidos com esta pesquisa foram perceber as possibilidades de pesquisa que essas fontes proporcionam ao historiador, e contribuem na discussão sobre formação e ocupação das fronteiras do Paraná. E a partir do trabalho com as fontes que mostra-se a relevância de discutir como os viajantes “construíram a fronteira dentro de seus relatos de viagem”, com isso é possível afirmar que de uma forma ou de outra os viajantes deixaram um legado de informações á respeito da ocupação e exploração do Paraná.

Palavras-chave: Viajantes, Paraná e Narrativas.

O presente estudo trata sobre relatos de viagem do inglês Thomas Bigg Wither, formado em engenharia e que esteve no Brasil por mais de três anos investigando os campos e florestas do país, principalmente no Estado do Paraná. Fazia parte de um grupo de expedicionários contratados para a *Paraná And Mato Grosso Survey Expedition*. Em 1876 já havia proferido uma conferência na Real Sociedade de Geografia sobre o Vale do Tibagi, que interessava aos financistas da City devido à potencialidade econômica que esta região oferecia, e se tornou membro do *Institute of Civil Engineers*. A obra *Novo Caminho Meridional: A Província do Paraná; Três anos de vida em suas florestas e Campos – 1872/1875* foi publicada em Londres logo após sua chegada em 1878 e em português somente em 1974. Ela é usada como referência<sup>1</sup> para a discussão de várias questões regionais e mesmo nacionais, uma vez que seu relato ressalta vários aspectos sobre a natureza, a ocupação do território, imigração, índios. Descreve o Paraná a partir de sua própria origem, está sempre encontrando uma forma de comparar com a Inglaterra, como uma possibilidade de trazer para a província do Paraná o progresso que existe na Europa.

É importante observarmos que ele não se vê apenas como um engenheiro, mas como um viajante que possui um olhar técnico, além de um olhar de intervenção no espaço. Podemos perceber isso em suas descrições sobre o índio, quando ele apresenta a necessidade de adaptar o índio a tradições e costumes do europeu. E quando narra a riqueza da natureza, dos animais que encontra nas viagens, sempre apresenta a idéia de mudança daquele espaço, pensando no progresso e desenvolvimento da região. A partir desse argumento é que defendemos a idéia de que ele se posiciona, mais que como técnico, como viajante com conhecimentos técnicos, a fim de reconhecer no espaço brasileiro as possibilidades de transformação a partir do modelo europeu.

Tratando-se de viajantes estrangeiros visitando o Brasil, o mais curioso é que mesmo no final do século XIX ainda havia interesse para que esses relatos fossem publicados rapidamente na Europa. Se, por um lado, o século XIX foi um século importante para imigração no nosso país, havia um interesse significativo na Europa tanto para conhecer as experiências de cientistas, pesquisadores, estudiosos em geral, quanto em relação a relatos que se voltavam para narrar o cotidiano que poderia esperar aqueles que estivessem interessados em se aventurarem a conhecer, o ainda chamado “Novo Mundo”, mais conhecido como o continente tropical, e o Brasil, o país do índio.

Por outro lado, algumas questões faziam com que o olhar do viajante estrangeiro não fosse neutro. A Europa se apresentava ao mundo como a civilização padrão. A América seria a descontinuidade do Velho Mundo, e nesse sentido o viajante passa a ter um papel muito importante, pois ele assume a responsabilidade de transformar o ambiente novo, nos seus escritos, abrindo a possibilidade de compreensão de outra sociedade. Nesse caso, o viajante se via como o porta-voz entre o Velho e Novo Mundo. Bigg Wither assumia claramente esse papel, estabelecendo, nos seus escritos, os aspectos negativos e positivos entre os dois espaços diferentes, mesmo assumindo o discurso político e social da sociedade à qual pertencia. Exemplo disso é sua fala a respeito do sistema de correios brasileiro, quando se refere ao atraso no recebimento de cartas a ele endereçadas: “não concebo onde os brasileiros foram buscar inspiração para o serviço postal. Do ponto de vista burocrático, o sistema foi copiado das mais avançadas nações européias. Se realmente isso ocorreu, essas nações não tem motivo para se orgulhar do discípulo”<sup>2</sup>.

Entre os viajantes estrangeiros que estiveram no Paraná durante o século XIX, além de Bigg Wither<sup>3</sup>, dois se destacaram pelos relatos que nos legaram: Saint-Hilaire e

Robert Ave-Lallemant. Este último era um médico alemão, e viveu por vários anos no Rio de Janeiro, viajando pelo Paraná, São Paulo e Santa Catarina. Dessas viagens resultaram algumas narrativas, que contribuem para entendermos melhor como o viajante estrangeiro identifica o nosso país, em especial o Paraná. Ave-Lallement preocupou-se em discutir como Portugal contribuiu para o desenvolvimento do Brasil, e, de uma maneira um tanto quanto polêmica, descreveu nossas tradições e costumes. Não menos importante, Saint-Hilaire tem grande parcela de contribuição em relação às narrativas sobre o Paraná; era botânico francês e esteve no Brasil entre 1816 a 1822. Viajou por várias províncias brasileiras a fim de apresentar com maior rigor e credibilidade a sociedade brasileira. O que podemos perceber como comum a essas narrativas é uma confessada paixão pela natureza brasileira, embora necessitemos de cuidados para interpretar esses sentimentos, pois bem sabemos que o viajante descreve não somente o que vê, mas avalia o que vê a partir do que conheceu anteriormente. Mas, de qualquer forma, a natureza é sempre o ponto de partida que o viajante encontra para pensar e dar início à sua descrição.

Estando no Brasil, normalmente o viajante estrangeiro se preocupa em anotar tudo o que vê, pois está em um ambiente totalmente diferente do seu, o que faz com que seus relatos se constituam em fontes importantes para analisar esse cotidiano. Por outro lado, para quem recebe o visitante estrangeiro também é uma “novidade”, e sua visita um acontecimento fora do cotidiano, o que faria com que houvesse uma seleção do que fosse mostrado a ele. *Para Francisco Moraes Paz, que escreveu um artigo intitulado “História e Cotidiano: A sociedade paranaense do século XIX na perspectiva dos viajantes”*, abordando elementos do cotidiano brasileiro a partir de relatos de viajantes estrangeiros, entre eles Bigg Wither, destaca que:

...a Europa é uma terra estranha para quem vivia nas matas, situado entre limites tênues da civilização e barbárie. Uma das poucas referências a esta terra distante era a de ser o antigo lar das mulheres e homens altos, loiros e de olhos azuis que começavam a chegar. Mesmo assim, muitos não sabiam para que lado ficava e chegavam a surpreender os viajantes com as mais variadas perguntas, até “pode-se ir para lá a cavalo?”<sup>4</sup>

Nesse olhar de estranhamento, nem sempre os viajantes se referem à população local como bárbaros, mas normalmente se preocupam em construir interpretações sobre a presença e as relações entre negros, índios e imigrantes.

A primeira impressão que o viajante estrangeiro deixa nos seus relatos é a sua curiosidade, e principalmente pelo fato de que a maioria deles era constituído por homens de ciência ou ligados a ela – cientistas, pesquisadores, engenheiros – e estavam sempre preocupados em obter informações sobre a flora, a fauna, o clima, tradições e costumes, coletando muitas vezes amostras da natureza. Dessa forma, procuravam entender como “funcionavam” as terras tropicais, e no caso de Bigg Wither, avaliando as possibilidades de construção de estradas e ferrovias, projetos ligados ao Velho Mundo, buscando pelo progresso do Novo Mundo.

Num certo sentido, a missão proposta a Bigg Wither se aproxima de outras ações propostas pelo governo, como as desenvolvidas posteriormente através das viagens da Comissão Rondon. Isso deve ser pensado ligado aos interesses do Império e posteriormente ao da República no final do século XIX e início do XX, de incorporação

de novos territórios. Mais do que a conquista pura e simples, as intervenções técnicas no sentido de modernizar esse sertão atrasado foram uma das grandes preocupações de setores interessados no desenvolvimento, inclusive dos militares, preocupações expressas, segundo Laura Maciel, pela “necessidade de garantir o efetivo controle sobre populações dispersas em regiões de fronteiras, distantes e abandonadas pelo poder central, [a partir do que] esses profissionais recomendavam que a ‘conquista do sertão’ deveria constituir ‘um programa de governo’”<sup>5</sup>.

Nesse caso, portanto, a conquista do sertão e a preocupação em definir as fronteiras do Brasil era uma necessidade do Estado. Mais do que aumentar fronteiras, colocava-se a necessidade de espalhar a malha ferroviária e telegráfica, uma vez que essas ações estavam entrelaçadas com a idéia de povoar e civilizar os lugares mais distantes no interior brasileiro. Podemos perceber isso em um trecho do relato da própria Comissão Rondon no período da República, que se aproxima, de certa forma, das preocupações expressas por Bigg Wither em seus escritos:

Para o nosso Brasil Central não temos outro processo a empregar na consecução do seu povoamento. (...) modifiquemo-lo, cruzando-o estradas e telégrafos em todos os sentidos, por que constitui ele o coração da nossa grande Pátria e o futuro celeiro da Terra. Para isso, porém, será preciso, antes de tudo, que o governo desbrave, preparando sistematicamente a colonização futura destas paragens.<sup>6</sup>

Podemos observar algumas questões importantes a partir deste fragmento, estabelecendo uma divisão de funções na qual o governo tem a função de “desbravar” o sertão, ou seja, possibilitar a ocupação. Em função disso, se abriria a possibilidade de intervenção nesse espaço, que seria uma *intervenção técnica*, a partir de um conhecimento nem sempre disponível no Brasil – o que justificaria as ações de empresas de capital estrangeiro. Em função disso tudo, podemos analisar na obra de Bigg Wither os limites desse “olhar do viajante”, um olhar diferente, um olhar que pressupõe a possibilidade de intervenção no espaço, modificá-lo, e em função disso, trazer para o sertão o progresso e a civilidade.

No caso de Bigg Wither, ele inicia sua viagem pelo Brasil a partir do Rio de Janeiro, no ano de 1872, integrante do grupo de expedicionários ingleses. Ainda em uma nota introdutória ele descreve que:

As características deste livro são as de uma narrativa de viagens e aventuras em regiões até aqui inexploradas. Quase metade destas páginas se ocupa da permanência do autor nas grandes florestas do remoto interior do Brasil, em meio a cenas ferozes da natureza selvagem, onde nenhum homem civilizado antes penetrara e onde, durante meses, a condição normal de vida fora a luta sem tréguas contra o meio natural.<sup>7</sup>

Seu relato se refere também ao interior do que conhecemos hoje como Estado do Paraná, classificando-o como regiões inexploradas. Mesmo reconhecendo a presença, ali, de populações indígenas de diferentes etnias, seu olhar sobre elas as integra nessa natureza intocada, distante – no espaço e no tempo – de toda e qualquer civilização.

Ele se deslumbra no início de sua viagem, com a beleza da natureza do Rio de Janeiro: “eis a nossa preliminar apresentação ao ‘Novo Mundo’”<sup>8</sup>, exclama ao avistar a Baía (supomos que seja a Baía da Guanabara). Admira a natureza e se entusiasma com a sua posição, do ponto de vista de possibilidades comerciais:

... uma vista de olhos sobre o mapa mundial mostrará a enorme vantagem natural que o Rio possui em sua posição, não só com referência ao seu próprio império, como também a outros países. Nenhuma cidade, capital de outra nação, ocupa posição tão central para o comércio com o Novo Mundo.<sup>9</sup>

A partir daí ele começa a estabelecer as diferenças entre a Europa e o Brasil, ou como ele faz questão de ressaltar, entre o “Velho e Novo Mundo”. Porém, antes de continuar a descrição sobre o Rio de Janeiro, uma questão chamou a atenção de Bigg Wither, foi a grande quantidade de negros e a aparência saudável dos mesmos, a respeito dos quais ele ressalta que “o contraste entre o físico vigoroso e sadio, o aspecto feliz e maneiras francas destes escravos negros com o desenvolvimento físico debilitado e a aparência cansada de seus senhores e donos é de ordem tão geral que não escapa ao observador mais distraído”<sup>10</sup>. A partir dessa constatação, é interessante a observação que ele faz, pois, se por um lado a beleza e saúde da população negra lhe causam espanto, por outro ele se pergunta se o clima brasileiro seria mais favorável à pele negra – um sintoma de certo *determinismo* nessa avaliação. Sem conter sua admiração pelas formas da mulher negra, ele se lembra que se trata de uma população negra, e destaca que “amo e escravo podiam muito bem trocar de lugar no Rio de Janeiro no que se refere a superioridade física”<sup>11</sup>.

Bigg Wither comporta em seu relato três questões importantes: natureza, civilização e modernização. Em primeiro lugar, ele descreve a natureza de maneira romantizada, para depois avaliá-la como possibilidade de transformação do meio, imprimindo nela a idéia de progresso. Neste fragmento referente às aves que observa ainda em Curitiba, podemos perceber um pouco do exagero romântico:

O que vi primeiro foi um colibri que adejava ao ar livre; a maneira por que se lançava e pousava de flor em flor, como uma abelha rainha em busca de mel era realmente interessante de ver. Magníficas borboletas também havia por toda a parte, esvoaçando ao sol ardente, para realizarem com as flores multicoloridas, no brilho de seus ornatos. As numerosas fontes d’água, disseminadas por várias partes, davam a sensação de frescura à atmosfera.<sup>12</sup>

Por outro lado ele vai se deparar com outros problemas decorrentes dessa “natureza selvagem”: imaginando que encontraria estradas cheias de árvores e pássaros, ele se depara com estradas em péssimo estado de conservação:

Estas cinco milhas de estrada por terminar deram-nos uma amostra do que nos estava reservado daí para frente, isto é, a estrada de troncos de árvores do Brasil. A realidade é que estava em péssimo estado, excedendo a qualquer descrição que eu tivesse lido a respeito de estrada ruim. Era como se árvores muito grandes tivessem caído a curtos intervalos, atravessadas num mau caminho e os espaços entre uma árvore e outra fossem preenchidos com lama.<sup>13</sup>

Neste trecho Bigg Wither já dá os primeiros indicativos de que sua viagem lhe reservaria muitas surpresas, avaliando que as estradas, pelas informações que obtivera, não poderiam estar em tão lamentável estado de conservação. Porém, a observação do viajante em relação a essas estradas está em mostrar como esses caminhos poderiam ser considerados como caminhos do “progresso e da civilização”, em regiões de sertão ou espaço de lama como ele citou acima.

Lorenzetti e Ferreira, que escrevem sobre o projeto da construção de uma estrada de ferro entre o Paraná e o Mato Grosso durante o século XIX, destacam “os anseios por desenvolvimento e progresso que os subjaziam e o receio de que estas regiões interioranas do Brasil não acompanhassem o ritmo de desenvolvimento do litoral”<sup>14</sup>. Nesse sentido, os relatos de viagem discutem muitas destas experiências. É de se esperar que, na segunda metade do século XIX, o Paraná ainda não possuía uma rede de estradas, quanto mais estradas bem conservadas. Tendo isso como um sintoma do “atraso” no desenvolvimento da Província paranaense, o general José Cândido Muricy também apresentou a mesma preocupação quando do estabelecimento de uma estrada entre Guarapuava e a Colônia Militar de Foz do Iguaçu.

Há, portanto, uma grande preocupação com o estabelecimento de uma rede de comunicação, e a construção de estradas era vista como o caminho para a modernização da província. Com estradas ruins, os meios de transporte também eram prejudicados, como podemos observar neste fragmento de Bigg Wither: “uma ou duas milhas de nossa viagem foram feitas sobre uma estrada de troncos, semelhante àquela que já descrevemos. Ao sair daquele abismo de desolação, descobri que meu burro só sabia andar a passo. Nenhum de nós usava esporas e, por mais que gritasse para animá-lo, não era preciso açoitá-lo”<sup>15</sup>. Ainda sim, ele não perde a oportunidade de fazer alguma comparação com a Inglaterra: “a maravilhosa frescura do ar me fez lembrar uma daquelas manhãs de outubro que, ocasionalmente, temos na Inglaterra. Parecia-nos estar respeitando a verdadeira essência da vida enquanto caminhávamos. Tudo em volta como que partilhava desse gozo de viver”<sup>16</sup>.

A natureza é um elemento que podemos perceber estar sempre presente nos relatos de viagem, pois é como se esses viajantes olhassem para o nosso país, e percebessem as maravilhas que possuía no seu país de origem ou o contrário.

Bigg Wither materializa em suas narrativas o progresso das estradas e o quanto estas podem modificar o cotidiano da população que vive nessas regiões. Ele encontrou por meio do trabalho, a forma mais sensata de transformar o sertão da província em um lugar de prosperidade.

<sup>1</sup> Podemos citar o trabalho de Aramis Millarch publicado em 27 de Novembro de 1974, sob o título de Bigg Wither e Antonina (III). Esta disponível na pagina da internet: [www.millarch.org](http://www.millarch.org). Esse artigo discute, a partir do texto de Bigg Wither, questões sobre a cidade de Antonina, que não teria tido muito êxito em seu desenvolvimento. O artigo foi originalmente publicado no jornal *O Estado do Paraná*; 27/11/1974, p. 4.

<sup>2</sup> WITHER, Thomas P. Bigg. *Novo Caminho no Brasil Meridional: a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos 1872/1875*. Rio de Janeiro: J. Olympio, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974. p.22.

<sup>3</sup> Thomas Bonnici escreveu o trabalho: *O olhar colonial: Bigg Wither, miscigenação e o paranaense do século XIX*. Trabalha questões sobre o Paraná em relação a imigração e a miscigenação. Atualmente é professor na Universidade Estadual de Maringá, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras.

- 
- <sup>4</sup> PAZ, Francisco Moraes. *História e Cotidiano: A sociedade paranaense no século XIX na perspectiva dos viajantes*. In: História: Questões e Debates, Curitiba : Ano 08, jun-dez.1987.p. 09.
- <sup>5</sup> MACIEL, Laura Antunes. *A Comissão Rondon e a Conquista Ordenada Dos Sertões: Espaço, Telégrafo e Civilização*. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n. 0, São Paulo: Edusc, (18), mai.1999. p.168.
- <sup>6</sup> Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Relatório apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e à Divisão Geral de Engenharia (G.5) do Departamento da Guerra, op.cit., 2º Volume, p.18. Apud: MACIEL, Laura Antunes. op. cit. p.167.
- <sup>7</sup> WITHER, Thomas P. Bigg. *Novo Caminho no Brasil Meridional: a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos 1872/1875*. Rio de Janeiro: J. Olympio, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1974. Nota Introdutória XXVII.
- <sup>8</sup> Idem, ibidem, p.10.
- <sup>9</sup> Idem, ibidem, p.11.
- <sup>10</sup> Idem, ibidem, p.16.
- <sup>11</sup> Idem, ibidem, p.17.
- <sup>12</sup> Idem, ibidem, p.22.
- <sup>13</sup> Idem, ibidem, p.42.
- <sup>14</sup> LORENZETTI, Fernanda Lorandi; FERREIRA, Bruno Torquatro Silva. *Os Trilhos do Progresso: Intenções de comunicação via estrada de ferro entre Paraná e Mato Grosso na passagem do século XIX ao XX*. Revista de História Regional. Ponta Grossa, v.13, n.2, p. 262-282. 2008. p.264.
- <sup>15</sup> Idem, ibidem, p.47.
- <sup>16</sup> Idem, ibidem, p.45.